

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 7- A Ação Pastoral sobre a Liderança da Igreja I Timóteo 3 e 4

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

“Escrevo-te estas coisas para que saibas como convém andar na casa de Deus” (I Timóteo 3:15).

Esta é a razão da Primeira carta de Paulo a Timóteo.

O estudo de hoje está voltado para algumas das instruções que o apóstolo Paulo deu a Timóteo a respeito da liderança da Igreja.

A primeira coisa que devemos notar é que ele começa a série de orientações pondo em destaque a qualificação do ministério pastoral: “Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja” (I Timóteo 3:1). Excelente obra.

O episcopado, cuja tarefa é de superintendência ou supervisão, é exercido pelo bispo ou presbítero. No Novo Testamento estes dois termos são sinônimos e dizem respeito ao mesmo ofício. Em Atos 20:17 e 28 e em Tito 1:5 e 7, além de I Pedro 5:1 e 2, encontramos as duas palavras sendo usadas, alternadamente, em referência à função pastoral: apascentar, guardar, instruir o rebanho de Deus e ser despenseiro da casa de Deus, inclusive supervisionando outros ministérios e lideranças da Igreja.

Para tão honrosa, nobre e excelente função se requer também excelentes qualidades dos seus ocupantes, visto ser grande a responsabilidade. Ao

longo do capítulo 3, Paulo apresenta a Timóteo a lista com os requisitos a serem preenchidos, alguns dos quais estamos focalizando.

O primeiro deles tem sentido amplo e abrangente: **irrepreensível**. Alguém que não apresenta desvio de caráter ou de conduta e cuja vida não dá motivos a comentários maldosos que possam levá-lo a descrédito dentro ou fora da Igreja.

A essa qualificação, associam-se outras, mais específicas: marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, honesto, hospitaleiro.

Do pastor espera-se que seja **apto para ensinar**, pois cabe a ele transmitir à Igreja os ensinamentos da Palavra de Deus e zelar pela sua doutrina, tanto quanto refutar heresias e falsos ensinamentos.

Que **governe bem a sua casa** é mais um dos requisitos, pois a sua função compreende também o governo da Igreja.

Outra recomendação a ser observada é a de que o pastor **não seja neófito**, o que literalmente significa recém-plantado. Que ele não seja um recém-convertido, ou novato na fé. A razão é preventiva. É para que não corra o perigo de se ensoberbecer, por ter se elevado rapidamente a um ofício tão importante, e ao se tornar presunçoso venha a cair na

condenação do diabo (3:6). A Bíblia nos ensina que os efeitos da soberba são sempre destrutivos e maléficos. O orgulho foi a causa da queda de Lúcifer, lemos em Isaías 14:11-15, e em Provérbios 16:18 somos advertidos de que *“a soberba precede a queda”*. Poderíamos, inclusive, dizer que quando a soberba se instala no coração do homem, ele se encontra às vésperas de cair.

Além disso, há um outro resultado desastroso provocado pela soberba: ela compromete o testemunho diante dos que estão de fora, expondo o líder a afrontas e acusações provenientes do próprio diabo, que não perde tempo em utilizar situações que possam envergonhar o servo de Deus e gerar dúvidas quanto à mensagem de sua pregação. Uma armadilha maligna. Um laço do diabo, portanto.

Tendo apresentado a lista com as qualificações recomendáveis ao pastor, Paulo passa imediatamente a falar de uma outra categoria participante da liderança da Igreja: os diáconos.

Subordinados ao ministério pastoral, os diáconos trabalham ao lado do pastor e deles se requer qualidades morais e espirituais semelhantes. A lista de requisitos a serem preenchidos é adequada e corresponde às responsabilidades a eles atribuídas.

Por estarem associados à liderança da Igreja, é recomendável que *“também estes”*, diz o texto no v. 10, ou seja, do mesmo modo como deve ser feito com o pastor, sejam experimentados antes de serem

conduzidos ao diaconato. Se forem achados irrepreensíveis, não havendo nada que desabone o seu caráter ou a sua conduta moral, então passarão a servir ao Senhor e à sua Igreja na condição de diáconos, sabendo que os que servirem bem alcançarão o respeito da comunidade cristã tanto para si mesmos como para o cargo que representam.

Prosseguindo com a leitura do texto, percebemos que na passagem do capítulo 3 para o de número 4 há uma aparente mudança de assunto, como que de forma repentina. No entanto, uma reflexão cuidadosa nos conduz à razão para isso e desfaz essa impressão errônea.

No capítulo 4, o apóstolo Paulo volta a falar dos falsos mestres e seus ensinamentos enganadores, assunto que abordamos na lição passada.

É digno de nota o verso um, em que Paulo ressalta que o Espírito, com inicial maiúscula indicando se tratar do Espírito Santo de Deus, expressamente diz que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé. A advertência não é produto de simples preocupação humana da parte de Paulo; ela vem do Espírito Santo e faz parte do cumprimento da palavra de Jesus, registrada em João 16:13: *“Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”*.

Outro ponto que devemos destacar no texto, é que o que propicia a apostasia é o fato de se dar ouvidos aos falsos ensinamentos, que nada mais

são do que *“doutrinas de demônios”* (4:1). Por traz de tais ensinamentos estão espíritos enganadores que, no entanto, utilizam instrumentos humanos para a sua obra maligna, porque se valem da *“hipocrisia de homens que falam mentiras”* (4:2). Esses homens são os falsos mestres.

Como responsável pelo rebanho do Senhor, Timóteo precisava estar atento e ser diligente em ensinar as palavras da fé e da boa doutrina (v.6). Fazendo isso, seria bom ministro de Cristo, uma vez que a Palavra de Deus fala por si mesma e dissipa as trevas, porque é *“lâmpada para os pés e luz para o caminho”* (Salmo 119:105) daqueles que por ela vivem.

Daí, a orientação de Paulo a Timóteo: *“Persiste em ler, exortar e ensinar”* (4:13).

Todas essas orientações, que incluem a observância das qualidades necessárias àqueles que respondem pela liderança da Igreja, como a precaução em relação aos falsos mestres, têm um objetivo especial: *“para que saibas como convém andar na casa de Deus”*. O sentido não é de que o pastor saiba como convém que apenas ele ande na casa de Deus,

mas que saiba como convém que todos venham a andar na casa de Deus, o que significa saber conduzir aqueles que estão sob a sua liderança a que andem convenientemente na Igreja.

A razão para isso é elevadíssima: *“andar na casa de Deus, que é a Igreja de Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade”* (I Timóteo 3:15).

Assim como uma coluna tem por finalidade sustentar firmemente aquilo que sobre ela se assenta, compete à Igreja ser sustentáculo da verdade a ela revelada.

A Igreja do Senhor Jesus é a depositária da verdade, cujo conteúdo essencial é a revelação de Deus em Cristo. Sobre ela repousa a luz do Evangelho da graça salvadora de Deus, revelada em Cristo Jesus. A ela cabe preservar e proclamar com toda fidelidade este ensino verdadeiro, através do seu testemunho e do procedimento apropriado dos seus integrantes.

É mister que assim se faça porque *“Um pendão real vos entregou o Rei, a vós soldados seus...”* (Hino 469 – Cantor Cristão)